

mariposa
yusra mardini
com josie le blond

Tradução de Cátia Trincheiras

O BARCO

Eu mergulho na água brilhante.

“Yusra! Mas que raio estás a fazer?”

Ignoro a minha irmã e mergulho por baixo das ondas. O oceano brama mais alto que o batimento da minha pulsação. O colete salva-vidas puxa o meu peito para cima. Venho à superfície. Rezas desesperadas soam do barco acima.

Agarro a corda e vislumbro a praia. A Europa está à vista. O Sol move-se lentamente em direção à ilha. O vento ergue-se. Os passageiros choram e gritam enquanto o barco rodopia na corrente. O afegão puxa a corda do motor desesperadamente. Faz barulho mas não pega. O motor está morto. Nós estamos sozinhos, à mercê do mar enfurecido.

O rosto do rapaz surge entre os passageiros amontoados no barco. Ele sorri. É um jogo. Ele não tem conhecimento de todas as pessoas desesperadas que já morreram aqui. Mães e seus bebês, homens e mulheres idosas, homens fortes. Os milhares que nunca chegaram à costa, que batalharam durante horas em vão até que o mar os levou. Contraio os meus olhos fechados e luto contra o pânico crescente. Nadar. Eu consigo nadar. Eu consigo salvar o rapaz.

Vejo a minha mãe, o meu pai, a minha irmã mais nova. Uma exibição de triunfos, derrotas e vergonhas mal recordadas. Coisas que prefiro esquecer. O meu pai atira-me para a água. Um homem pendura uma medalha no

meu pescoço. Um tanque faz pontaria. Vidro a estilhaçar-se no pavimento. Uma bomba destrói um telhado.

Os meus olhos abrem subitamente. Ao meu lado, a minha irmã olha fixamente para a próxima crista imponente de água furiosa. A corda corta-me as palmas das mãos. O mar arrasta e suga a minha roupa. As minhas pernas doem sob o peso. Aguenta. Mantém-te viva.

Outra onda surge. A água negra eleva-se atrás do barco. Eu seguro-me enquanto subimos e descemos, flutuamos e giramos. O mar não é uma piscina. Não há bordas nem fundo. Esta água é ilimitada, selvagem e incognoscível. As ondas marcham, implacáveis, um exército a avançar.

O Sol afunda mais rápido agora para se reunir com os picos da ilha. A margem parece estar mais longe do que nunca. A água tem um brilho roxo-escuro, as cristas das ondas brilham num amarelo-cremoso na luz que esmorece. Como é que isto chegou tão longe? Quando é que as nossas vidas perderam o seu valor? Arriscar tudo, pagar uma fortuna para escalar para dentro de um bote superlotado e tentar a nossa sorte em mar alto. Será esta a única saída? A única forma de escapar às bombas no nosso lar?

A rebentação enrola e intensifica-se. Picos agitados de água empurram a minha cabeça contra o lado do barco. A água salgada arde-me nos olhos, enche-me a boca, o nariz. O vento chicoteia-me o cabelo à volta da minha cabeça. O frio rasteja pelo meu corpo, até aos pés, aos gêmeos e aos músculos da coxa. Sinto as minhas pernas a perder a força.

“Yusra! Volta para o barco.”

Agarro a corda com mais força. Não vou deixar a minha irmã fazer isto sozinha. Ninguém vai morrer no nosso turno. Somos Mardinis. E nós nadamos.

PARTE UM

A FAÍSCA

Eu nado antes de conseguir andar. O meu pai, Ezzat, um treinador de natação, põe-me na água. Ainda não sou suficientemente grande para braçadeiras, por isso ele remove a grelha plástica da calha de escoamento na beira da piscina e atira-me para dentro da água rasa em baixo.

“Olha, mexe as pernas assim”, diz o meu pai.

Ele faz um movimento de remar com as mãos. Eu bato as pernas até perceber como pontapear. Muitas vezes, fico exausta e o envolvente calor da água embala-me até ao sono. O pai nunca repara. Ele está demasiado ocupado a gritar ordens à minha irmã mais velha, Sara. Nenhuma de nós escolheu nadar. Nós apenas nadamos, sempre nadámos.

Eu sou uma miúda gira, com pele clara, grandes olhos castanhos, cabelo escuro comprido e uma silhueta pequena e elegante. Sou dolorosamente envergonhada e raramente falo. Só estou feliz na companhia da minha mãe, Mirwat. Se ela vai à casa de banho, eu espero cá fora até que saia. Se outros adultos tentarem falar comigo, olho para eles em silêncio.

Na maioria dos fins de semana visitamos os meus avós na cidade. A minha avó Yusra, a quem devo o meu nome, é como uma segunda mãe para mim. Eu escondo-me atrás das longas pregas da *abaya* dela, um vestido cintado, que se estende até ao chão, enquanto o meu avô Abu-Bassam tenta subornar-me com doces para me fazer sorrir. Eu nunca caio nisso, então ele arrelia-me e chama-me mariquinhas.

A Sara é três anos mais velha do que eu e o extremo oposto. Ninguém consegue que ela fique calada. Está sempre a falar com adultos, até estranhos em lojas, balbuciando numa língua inventada. Ela gosta de interromper serões de chá indo para cima do sofá da avó a dizer baboseiras e a abanar os braços como se estivesse a fazer um discurso. Quando a mãe a questiona, a Sara diz que está a falar inglês.

Nós somos uma família grande. A mãe e o pai têm onze irmãos entre eles. Há sempre primos presentes. Nós vivemos em Set Zaynab, uma vila a sul de Damasco, capital da Síria. O irmão mais velho do pai, Ghassan, mora no prédio oposto ao nosso. Os filhos dele, nossos primos, vêm a nossa casa brincar todos os dias.

Natação é a paixão de família e o pai espera que a partilhemos. Todos os irmãos do pai treinaram quando eram novos. O pai nadou pela Síria quando era adolescente, mas teve de parar ao ser convocado para o serviço militar obrigatório. Quando a Sara nasceu ele voltou para a piscina como treinador. O pai sempre acreditou piamente nas suas capacidades. Um dia, antes de eu nascer, ele atirou a Sara, ainda bebé, para a piscina para provar como era bom treinador. Ele queria mostrar aos outros que até conseguia ensinar a sua filha bebé a nadar. A mãe olhava num silêncio aterrador enquanto ele tirava a Sara da água.

No inverno dos meus quatro anos, o pai arranjou um trabalho no Complexo Desportivo de Tishreen, em Damasco, residência do Comité Olímpico Sírio. O pai inscreveu-me a mim e à Sara em treinos de natação. Ele procurou outro treinador para me assumir como aluna enquanto ele se concentrava na Sara, que agora tinha sete anos. Eu treino três vezes por semana nesta arrepiante piscina olímpica. As maiores fontes de luz são janelas baixas e longas que se estendem em três lados do edifício. Pendurado numa delas, ao lado do quadro de pontuações, está um grande retrato do presidente da Síria Bashar Al-Assad.

Está sempre um gelo na piscina. Mas eu rapidamente descubro que ser pequena, tímida e bonita tem as suas vantagens. Dentro de pouco tempo, o meu treinador está embeijado. Tenho-o na mão.

“Tenho frio”, balbucio, contemplando o treinador com um olhar inocente e arregalado.

“O que se passa, pequenina?”, diz o treinador. “Tens frio? Porque não vais buscar a tua toalha e vais sentar-te lá fora ao sol por um bocadinho? O que foi, *habibti*, minha querida? Também tens fome? Bem, vamos buscar-te um bolo.”

Durante os quatro meses de mimos seguintes, raramente estou na piscina. Mas não consigo escapar ao meu pai. Um dia passo por ele depois do treino. A piscina está vazia, o pai está a preparar-se para a sua próxima sessão. A mãe veio buscar-me, como é costume, e está silenciosamente à espera numa cadeira ao lado da piscina. O pai vê-me antes que consiga alcançá-la.

“Yusra”, chama-me. “Vem cá.”

Aperto a toalha à volta dos ombros e apresso-me a ir ter com ele. Quando estou ao seu alcance ele arranca-me a toalha, pega-me ao colo e lança-me para dentro de água. Eu batalho até à superfície à procura de ar. Os meus braços e pernas batem de um lado para o outro em pânico. Quatro meses deitada ao sol e a comer bolo deixaram a sua marca. Não há como o esconder do pai. Esqueci-me de como nadar. Os insultos dele ecoam pelo *hall* e ressoam nos meus ouvidos. Eu debato-me até à beira e agarro-me. Nem me atrevo a olhar para cima.

“O que é que fizeste?”, grita ele. “Mas que raio tens andado a fazer?”

Eu arrasto-me para fora e ponho-me de pé. Obrigo-me a olhar para ele. É um erro. Ele marcha na minha direção, o seu rosto a flamejar com raiva. Alcança-me em poucas passadas. Olho para baixo, para os azulejos, e preparo-me para o castigo.

Ele inclina-se na minha direção.

“O que se passa contigo?”, grita ele. “O que é que ele fez?”

O pai empurra os meus ombros com força e atira-me de costas para dentro da piscina. Eu bato com as costas de chapa na água. Volto à superfície, nariz cheio de cloro, com os olhos selvagens de choque. Engasgo-me e agito-me na água como um peixe no anzol. Bato as pernas e bracejo de volta para a borda e agarro-me, com os olhos fixos na água dançante.

“Fora!”, grita ele. “Vem cá para fora já!”

Arrasto-me para fora da piscina e esquivo-me para um bocadinho mais longe. Observo o pai cautelosamente. Ele tem o olhar de um homem que está disposto a fazer isto o dia todo. Uma terceira vez, quarta vez, vinte vezes, até eu conseguir nadar novamente. Ele avança mais uma vez. Lanço um olhar de súplica à minha mãe. Ela está sentada, imóvel, a olhar-nos junto à piscina. A sua expressão é impossível de ler. Ela não diz nada. A piscina é o domínio do meu pai.

“Ezzat! Estás louco?”

Eu arrisco um olhar. É o meu tio Hussam, o irmão mais novo do meu pai. O meu salvador.

“Mas que raio estás a fazer?”, grita o Hussam, vindo a passos largos à volta da piscina na nossa direção.

Eu olho para o pai. O seu rosto ainda está vermelho-vivo, mas agora parece desorientado, interrompido a meio do protesto. Esta é a minha oportunidade. Corro apressadamente para a minha mãe e mergulho entre as pernas da cadeira dela. Puxo a sua longa saia para cima de mim. A discussão junto à piscina parece estar confortavelmente longe agora. A minha mãe mexe-se ligeiramente no assento. Estarei segura aqui até que ele se acalme.

Depois disso, o pai não me perde de vista. Ele não vai arriscar que mais alguém me habitue mal. Eu sou sua filha. E irei nadar quer goste quer não. Coloca-me braçadeiras insufláveis e põe-me na piscina com o grupo da idade da Sara.

Vou flutuando à beira da piscina enquanto eles treinam. Os nadadores mais velhos não têm misericórdia. Eles passam por mim e empurram-me para baixo. Eu rapidamente aprendi a bater-lhes para saírem do meu caminho ou a mergulhar bem fundo enquanto eles navegam por cima da minha cabeça. O pai vai esvaziando as braçadeiras gradualmente até eu conseguir nadar novamente.

Nesse verão, o meu tio Ghassan e a sua família mudaram-se para Daraya, um subúrbio de Damasco oito quilómetros a sudoeste do centro da cidade. A mãe e o pai decidem segui-los. Nós vamos viver para uma casa grande numa rua direita e longa que marca a fronteira entre Daraya e outro bairro, Al Moadamyeh, a oeste.

A Sara e eu ficamos com o maior quarto na frente da casa. Está sempre cheio de luz; a parede exterior é feita apenas de vidro. O quarto da mãe e do pai é mais pequeno. No centro há uma enorme cama branca antiga, um presente da avó e do avô. A Sara e eu estragamo-la a desenhar nela com a maquilhagem da mãe. Outro dos nossos jogos favoritos é fazer uma enorme pilha de roupa da mãe no chão e sentarmo-nos no topo como rainhas do castelo. Eu passo muito tempo na varanda, a olhar para baixo para a rua movimentada ou para cima dos telhados, para as torres pontiagudas das muitas mesquitas do bairro.

Os nossos pais não são os muçulmanos mais rígidos, mas eu sou educada para saber as regras. Eles ensinam-nos a segui-las e, mais importante, ensinam-nos que um bom muçulmano mostra respeito. Respeita os mais velhos, respeita as mulheres, respeita aqueles de outras culturas e religiões. Respeita a tua mãe. Respeita o teu pai. Especialmente se ele também for teu treinador de natação.

O pai gosta de separar os dois papéis. Na piscina, temos de lhe chamar treinador. Em casa, chamamos-lhe pai, mas na prática ele ainda é o treinador. O treino nunca para. Eu comecei a detestar as sextas-feiras, o primeiro dia do nosso fim de semana. Todas as semanas, o pai espera até que estejamos relaxadas no sofá, entra apressadamente pela sala e bate palmas.

“Bora meninas!”, diz ele. “Vão buscar as bandas de resistência e vamos trabalhar os vossos ombros.”

Nós arrastamo-nos para procurar as longas bandas elásticas. Ele afixa-as na janela da sala e põe-nos a trabalhar. A melhor parte dos planos de treino do pai é quando vemos desporto na televisão. Sentamo-nos a ver os campeonatos mundiais de natação e atletismo, os quatro torneios Grand Slam de ténis e a Liga dos Campeões da UEFA. Eu tornei-me uma fã ardente do FC Barcelona. O pai não perde um segundo do tempo de televisão. Ele aponta as diferenças de minutos nas técnicas dos nadadores. Admira o estilo individual de um jogador de futebol. Elogia os jogadores de ténis quando acabam com os seus oponentes e menospreza-os quando cedem à pressão. Nós sentamo-nos e acenamos com a cabeça em silêncio.

No verão dos meus seis anos, vemos as corridas finais dos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas. É a final dos 100 m mariposa masculinos.

“Vejam a pista quatro”, diz o pai. “Michael Phelps. O americano.”

Um silêncio tenso invade a sala. Soa uma buzina. Oito nadadores lançam-se como flechas para a piscina. Uma câmara subaquática mostra as ancas do Phelps a deslizar, as suas longas pernas e tornozelos agitados fazem espumar a água atrás dele. Os nadadores saem à superfície numa explosão de água branca. Phelps está quase um metro atrás do seu rival Ian Crocker. Tudo parece perdido.

Os ombros enormes de Phelps erguem-no, o seu tronco desce. Salpicos voam quando ele roda para inverter o sentido. Ele volta à superfície, mas ainda está a ficar para trás. Ele nunca vai conseguir. Quarenta metros, trinta metros. Quando lhe restam vinte e cinco metros, Phelps duplica a velocidade. Ele alcança Crocker.

Fico de olhos arregalados. Alcança e perde, alcança e perde... Não consigo respirar. Está muito renhido. Três, dois, um. Phelps e Crocker batem no bloco de contacto. Phelps conseguiu! Ele conseguiu agarrar o ouro que parecia ser de Crocker. Ganhou por centésimos de segundo.

Eu olho enfeitiçada para o ecrã. O pai põe-se de pé e levanta o punho energicamente. Vira-se para nós.

“Viram?”

No ecrã, Phelps arranca os óculos e olha timidamente para o quadro de pontuações. Levanta os braços em sinal de vitória. Eu olho fixamente para o ecrã. Estudo a cara dele, pergunto-me se aquele sentimento faz tudo o resto valer a pena. Toda a dor e sacrifício por apenas um momento de glória.

Eu nunca escolhi ser nadadora. Mas depois daquele momento fiquei convencida. As minhas entranhas ardem de ambição. Cerro os punhos. Já não quero saber das dificuldades. Vou seguir o Phelps até ao topo. Até aos Jogos Olímpicos. Até ao ouro. Ou morrer a tentar.

O pai quer que sejamos as melhores nadadoras. As melhores das melhores. Na Terra. Para todo o sempre. Ele faz qualquer coisa para nós chegarmos lá. As expetativas dele são gigantescas, e é suposto conseguirmos acompanhá-lo. Eu começo a escola primária uns dias depois da vitória milagrosa do Phelps em Atenas. A escola é em Mazzeh, a oeste de Damasco, numa praça com um liceu agregado. Eu só tenho de ir escalando os edificios. Do primeiro degrau a escadaria parece longa. Pouco tempo depois de começar o ano escolar, o pai faz-me sentar para falarmos.

“Yusra, a partir de amanhã vais ser uma nadadora profissional”, diz ele. “De hoje em diante vais treinar duas horas todos os dias. Vais entrar para a turma para jovens de Damasco com a tua irmã. Entendido?”

Eu assinto. Não é uma pergunta mas uma afirmação. O meu estômago começa a andar às voltas de excitação e temor. Consigo ver os degraus da escada da piscina a esticarem-se perante mim como os edificios da escola. Fui aceite na turma de jovens de Damasco. O próximo passo é a equipa nacional da Síria, onde irei nadar e representar o meu país em competições internacionais. A partir daí, participar nos Jogos Olímpicos será uma possibilidade.

Eu ajusto-me aos horários rígidos da Sara. O pai faz-nos viver como soldados. A escola começa de manhã bem cedo e termina à hora do almoço.

Mas para nós não acaba. O pai espera-nos todos os dias no portão da escola para nos levar para a piscina. Há dias em que quando a escola termina não me apetece nadar. Mas o pai silencia os meus protestos com apenas um olhar. No carro, ele proibiu música e qualquer conversa não relacionada com natação. Dá-nos indicações sobre técnicas e exercícios até que saibamos os seus discursos de cor. Todos os dias, a mãe vem ter connosco à piscina e assiste aos nossos treinos das bancadas para espetadores.

Um dia, o pai e outro treinador estavam a alongar os ombros da Sara antes do treino. Ela ajoelha-se enquanto eles lhe puxam os cotovelos dobrados para trás da cabeça. Ambas detestamos esse alongamento. Consegue ser doloroso, mas aumenta a funcionalidade e a flexibilidade dos ombros. O pai diz-nos vezes e vezes sem conta que devemos estar quietas. Mas desta vez, quando o pai e o outro treinador lhe puxam os cotovelos, a Sara estremece, empurra-se para longe e chora com dores. Ela está em agonia, por isso a mãe e o pai levam-na ao médico. Depois de fazer uma radiografia descobrem que tem uma clavícula partida. A Sara para os treinos durante várias semanas, mas o pai nem pestaneja. Um pequeno acidente não vai impedir as suas meninas de nadar. Assim que ela fica curada está de volta à água. O pai não lhe dá facilidades nenhuma. Ele diz-lhe para se esforçar mais para compensar o tempo perdido.

Nesse verão, vou à minha primeira colónia de férias de natação. Eu e a Sara não temos de ir longe. Todos os melhores jovens nadadores da Síria vêm a Damasco para treinar durante as férias escolares. Nós ficamos com os outros jovens no hotel dos atletas, ao lado da piscina de Tishreen. Com dez anos, a Sara já começa a associar-se com adolescentes da equipa nacional da Síria. Eu sou envergonhada, por isso fico com ela. Gradualmente, os miúdos mais velhos conseguem que me sinta mais à vontade. Um deles, um rapaz mais velho chamado Ehab, goza comigo e chama-me “ratinha”.

A colónia de natação também foi onde conheci o Rami pela primeira vez. Ele é de Alepo, mas vem muitas vezes a Damasco treinar. Tem dezasseis anos, nove anos mais velho que eu, mas tornamo-nos amigos para a vida. Nas colónias, eu sou a mais nova, por isso ele é sempre querido comigo. Ele é giro, com um rosto amplo e simétrico e com olhos e cabelos escuros. Todas as outras miúdas têm ciúmes da nossa amizade.

Não há muitas nadadoras mais velhas na colónia. Muitas deixam a natação depois da puberdade. Algumas param porque não veem um futuro numa carreira de natação, ou decidem parar quando vão para a faculdade. Ainda assim, a maioria desiste porque esta é a fase em que uma mulher

escolhe se quer ou não observar *hijab*, usar roupas modestas e um véu para cobrir o cabelo. *Hijab* é a palavra que usamos tanto para o véu em si como para roupa islâmica modesta no geral. Ninguém na Síria é forçado a usar *hijab* e muitas mulheres muçulmanas escolhem não o fazer, especialmente nas cidades. É completamente aceitável que uma muçulmana religiosa faça essa escolha, desde que a sua roupa não seja demasiado reveladora. É aí que a natação choca com a tradição. Usar *hijab* torna-se complicado se treinares de fato de banho. Está claro que, desde que nademos, não usamos *hijab*.

Muitas pessoas não entendem que nós nademos. Elas não veem o trabalho árduo e a dedicação que estão envolvidos na natação. Apenas veem o fato de banho. Vizinhos e outros pais da nossa escola dizem à mãe que não concordam. A mãe ignora-os. No verão em que tenho nove anos, a mãe decide aprender a nadar. Como ela usa *hijab* e cobre o cabelo não pode aprender em Tishreen, por isso vai a outra piscina e faz um curso de verão exclusivo para mulheres. O pai encoraja-a e por fim treina-a ele mesmo.

O pai parece não estar consciente dos boatos. Ele não deixa que nada se coloque no caminho da nossa carreira na natação. O programa dele está a mostrar resultados. O pai quer testar-nos tanto em velocidade como em longa distância e nós estamos a ficar rápidas em mariposa e estilo livre. A Sara tem uma musculatura impressionante para uma miúda de doze anos. Ela mostra ter potencial e é abordada pelos treinadores da equipa nacional da Síria. O pai sente-se nas nuvens, mas isso significa que ela vai deixar de ser aluna dele, apenas sua filha. Eu continuo a ser as duas coisas.

Um dia, não muito depois de a Sara entrar para a equipa nacional, o pai leva o meu grupo de treino a visitá-los enquanto eles treinam no ginásio. Nós somos demasiado jovens para treinos de ginásio, por isso o pai explica os exercícios enquanto observamos. Nós reunimo-nos em volta de uma série de máquinas de musculação polia. De repente, uma miúda do meu grupo agarra a barra da máquina mais perto de mim e puxa-a. É mais pesada do que ela pensava e larga-a. A barra volta para trás subitamente e bate-me mesmo debaixo do olho. Eu grito.

“O que foi agora, Yusra?”, diz o pai.

Uma pequena gota de sangue escorre pela minha bochecha. Os meus olhos enchem-se de lágrimas. O pai agarra o meu queixo e levanta-o para me inspecionar a face.

“Não é nada de mais”, diz ele. “Não exageres.”

O pai leva o grupo de volta para a piscina para continuar o treino.

Eu estou parada ao lado do bloco de partida, a choramingar por causa da pancada. O treino começa novamente. A ferida arde com o cloro. Agarro-me à borda da piscina. Finalmente sou salva pelo pai de um dos outros miúdos do grupo que diz ao meu pai para me levar ao hospital. O pai cerra os lábios. Está irritado. Acena-me e eu saio da água. Depois do treino leva-me às urgências. Os médicos cosem a parte superior da minha bochecha.

Depois disso, tenho pânico de me magoar. Não pela dor, mas pelo facto de que os treinos não seriam interrompidos. Mas não há nada que possa fazer para me proteger de certas coisas. Como otites, por exemplo. É uma agonia pura, como se alguém estivesse a encher um balão dentro da minha cabeça. Posso faltar à escola, mas não aos treinos. O pai não confia nos médicos, especialmente se eles tentarem que me afaste da piscina. Num certo dia a dor é pior do que tudo o que já senti. Eu arfo enquanto a minha mãe discute com a médica. A doutora diz que não com a cabeça.

“É um tímpano perfurado”, diz. “Ela não pode nadar de maneira nenhuma. Pelo menos durante uma semana.”

Eu olho para a mãe. Ela levanta as sobrancelhas e suspira.

“Podes ser tu a contar ao pai?”, peço. “Eu não consigo. Não quero ser eu.”

Choro pelo caminho todo até à piscina. Estou petrificada a imaginar o que o pai vai dizer quando souber. Ele está à espera.

“Então, qual é o veredito?”, pergunta.

A mãe conta-lhe. Ele está furioso.

“O que diz ela? Uma semana inteira? Quero uma segunda opinião.”

Voltamos para o carro e a mãe leva-me a outro médico. Este diz-lhe que não se passa nada, nada de tímpanos perfurados, nada de pausas na natação. O pai está feliz. Eu continuo a nadar em sofrimento. Pouco depois disso, a Sara e eu estamos à espera do autocarro da escola, de manhã, quando de repente desmaio de cara no chão. Fico inconsciente durante trinta segundos. O pai vê-me colapsar da varanda e corre para fora de casa. Leva-me ao hospital. Os médicos estão perplexos. Algo que tem a ver com os meus ouvidos. Ou talvez os meus olhos. Mandam-me a um oftalmologista que diz que tenho miopia. Desde esse dia uso óculos ou lentes de contacto, mas eles não me impedem de sofrer de desmaios recorrentes ocasionalmente. Por volta da mesma época, apareceram-me manchas vermelhas no pescoço que me fazem comichão. O médico diz que é psoríase. O pai está feliz da vida desde que não afete os meus treinos.

Ele pode já não ser treinador da Sara, mas ainda assim ele fica de olho nela. Os Jogos Pan-Árabes estão à porta e ele quer que ela vá ao Cairo com o resto da equipa. Pela primeira vez, as provas incluem um evento de pentatlo moderno. O pai sabe que a equipa ainda não conseguiu encontrar uma atleta feminina para as estafetas mistas. O treinador pergunta à Sara se gostaria de fazer provas para entrar nas modalidades de corrida, natação e tiro.

A Sara passa o verão no complexo de Tishreen, a correr longas distâncias e a aprender a disparar uma arma e acertar no alvo. Eu vou com ela algumas vezes para a ver. Uma vez deixou-me experimentar a arma. É pesada, fria ao toque e difícil de manejar. Não tenho a certeza se gosto dela. A Sara prova o seu valor aos treinadores, novembro chega, e ela viaja para o Cairo com a equipa nacional. Ela corre rápido, tem um tiro certo e ar-rasa na piscina. Ela e a equipa de estafetas ganham uma medalha de prata e ajudam a Síria a receber o quinto lugar no quadro de medalhas. Quando a equipa volta, o pai está fora de si com tanta excitação.

“Talvez venhas a conhecer o presidente!”, dirige-se ele à Sara.

Na semana seguinte, os treinadores convocam uma reunião. Está confirmado. O presidente Bashar Al-Assad quer conhecer todos os medalhados. A Sara é a mais nova de todos. Ela livra-se de um dia de escola e até se escapa a um exame, mas recebe nota máxima à mesma. Ela volta do palácio animadíssima.

“Então como foi?”, pergunta a mãe.

“Esperámos numa fila enorme para lhe dizer olá”, responde a Sara, sorridente. “Nem quis acreditar que ele era real.”

“Ele disse-te alguma coisa?”, pergunta a mãe.

“Referiu que está orgulhoso de mim porque sou a mais nova”, contou ela. “E disse para eu continuar. Para continuar a ganhar e um dia voltarei a vê-lo. Ele foi apenas simpático, um homem normal.”

A mãe e o pai irradiam orgulho. Este encontro é uma grande honra para a nossa família. Está pendurada na nossa escola uma foto do grupo com a Sara e o presidente. O pai mandou-a ampliar e emoldurou uma cópia. Pendurou-a cheio de orgulho na parede da nossa sala.

Umás semanas mais tarde, a mãe senta-me a mim e à Sara e conta-nos que está grávida. Eu estou transtornada. Já não serei a mais nova, a pequenina, a mais fofinha. Não digo nada e sorrio. Em março, o mês em que faço dez anos, a mãe dá à luz uma menina, um pequeno anjo com uns grandes olhos azuis da cor do céu. Ela chama-lhe Shahed. Adorável.

Estamos todos derretidos. Quando ela chega, estou eufórica por ter uma irmã mais nova.

Se o pai é obcecado com os nossos tempos a nadar, a mãe só se preocupa com as nossas notas na escola. Eu e a Sara somos boas a inglês, por isso a mãe contrata um professor particular para nos encorajar. O pai introduz-nos a música *pop* americana. Somos grandes fãs do Michael Jackson. Estudamos as letras das músicas dele como se fossem textos num exame. Temos sempre os fones nos ouvidos. No caminho para a escola ou para a piscina, no caminho de casa da avó em Damasco para a nossa casa em Daraya. Às vezes pergunto à Sara o que uma determinada palavra inglesa significa e como se escreve. A Sara tem um caderno guardado onde escreve os seus segredos em inglês para que a mãe e o pai não consigam ler.

Nesse verão, entre treinos, eu e a Sara sentamo-nos com o pai a ver os Jogos Olímpicos de 2008 em Beijing. A mãe vai entrando e saindo da sala, com a pequena Shahed nos braços. Desta vez, por causa do Phelps, a natação domina os jogos. Estou de boca aberta, estupefacta, enquanto ele conquista ouro após ouro, cheio de energia para bater o seu recorde de medalhas obtidas. O mundo inteiro fica doido com ele. A imprensa árabe chama-lhe a Nova Lenda Olímpica. O Derradeiro Campeão Olímpico.

Estamos todos à espera da final dos 100 m mariposa masculinos. A tensão aumenta quando o nadador sérvio Milorad Čavić afirma que vai privar o Phelps da sua sétima medalha de ouro. Os nadadores alinham nos blocos da partida. O Crocker também lá está. A câmara mostra os atletas individualmente ao longo da linha de partida. Eu estudo o pescoço, os braços. Credo, o Phelps é uma torre. Na nossa sala, o clima está de cortar à faca. O pai insiste em ter silêncio absoluto.

Splash. Eles lançam-se para a água. Čavić e Crocker estão na liderança quando os nadadores vêm à tona. Disparam, arremessam e propelem-se para a frente. A disputa vai a meio e Phelps está em sétimo lugar. Trinta, vinte metros para o fim. Phelps ultrapassa Crocker, mas Čavić ainda está à sua frente. Um, dois, um, dois...

Será que o Phelps se está a deixar ficar para trás? Vá la. Liga o interruptor. Acelera. Quinze metros para o final e o Phelps aciona o turbo. Ele ganha terreno. Está lado a lado com Čavić. Eles batem no bloco de contacto quase em simultâneo e eu solto um grunhido. Ninguém consegue acreditar. Ele conseguiu. Ouro. Por uma milésima de segundo. Phelps grita e enterra os seus braços enormes na água.

O pai está de pé.

“Viram aquilo?”, exclama. “Aquilo é que é, meninas. Aquilo é um campeão olímpico.”

A Sara e eu trocamos um sorriso largo.

“Mas como é que chegamos lá?”, digo. “Como é que chegamos aos Jogos Olímpicos?”

“Trabalha”, afirma o pai, e vira-se novamente para o ecrã. “Se Deus quiser, vais lá chegar um dia. Se a tua ambição não for os Jogos Olímpicos, não és uma verdadeira atleta.”

Durante uns tempos, a Sara é a jovem estrela da equipa síria. Ela é exímia em corridas de mariposa curtas e estilo livre em longas distâncias. Quando o outono após os Jogos Olímpicos de Beijing chega, ela começa a oscilar. O seu nível melhora e piora e os treinadores começam a perder o interesse nela. Parece que muda de treinador todas as semanas.

No grupo de treino do pai, eu e outra rapariga, Carol, somos as mais rápidas. Nós vamos ser as suas estrelas em ascensão. Todos os nadadores da equipa nacional, incluindo a Sara, são os seus rivais. Ele organiza uma disputa entre a Sara e a Carol — 100 m mariposa.

O pai reuniu-nos a todos para ver a corrida. Treinadores, atletas, e os colegas da Sara. Na piscina, o pai não é o pai. Ele é o treinador. Quando a Sara e a Carol sobem para o bloco de partida, a Sara não é filha dele. Ela é a adversária da nadadora dele. Eu observo atentamente, a minha mente está paralisada. Não faço ideia de quem devo apoiar.

Splash. Elas mergulham. A Carol é a primeira a vir à tona. A Sara vai num rodopio atrás dela. Na viragem dos cinquenta metros, a Sara está um bom metro e meio atrás. Ela esforça-se para a apanhar, mas a Carol acelera com ligeireza nos últimos vinte e cinco metros e termina uns bons cinco segundos antes. O pai solta socos pelo ar, vitorioso, e lança um grande sorriso sarcástico aos restantes treinadores. A estrela dele ganhou.

Vamos para casa num silêncio absoluto. A Sara olha para fora da janela com os fones nos ouvidos. Quando entramos em casa, o pai volta a ser o pai. Critica a Sara.

“Que se passa contigo?”, grita. “Andas a mandriar. Perdeste a tua velocidade.”

Ela lança-lhe um olhar penetrante. Os olhos dela emanam fúria.

“É isso, basta”, diz ele. “Acabaram-se as saídas para casa dos amigos depois do treino. Chega de basquetebol. Vou ter de te recuperar. Daqui em diante volto a ser teu treinador. Vais voltar para a minha turma.”

A Sara fica lavada em lágrimas. Ela põe os fones bruscamente nos ouvidos, levanta-se e sai da sala. Eu não me meto. Ela vai chorar, mas depois vai ficar mais calma.

Depois disso, a Sara junta-se a mim e à Carol nos treinos com o pai. Um dia, uns meses depois, a Sara sai da piscina agarrada ao ombro direito.

“Não consigo continuar”, diz ao pai. “Não consigo mexer o ombro.”

A mãe leva-a ao médico. Ele recomenda quatro semanas de descanso e creme para os músculos. O pai não está feliz. Um mês depois a Sara está de volta à piscina, mas a pausa fez com que a condição física dela piorasse. Demora dois meses a conseguir recuperar a sua antiga forma.

Depois, na primavera, o seu ombro esquerdo emperra. Os médicos parecem preocupados. Mandam-na ficar de repouso mais um mês. A mãe tenta ajudar. Desde que aprendeu a nadar, ela tem estado a dar uma aula de aeróbica aquática numas termas e spa a uma hora de carro a sul de Damasco, perto da cidade de Dara. Ela expandiu o seu leque de talentos a massagens terapêuticas e vai utilizando os seus conhecimentos nos ombros da Sara.

Em breve, a Sara está de volta aos treinos. Ela luta mais do que nunca para chegar à sua antiga velocidade. Não desabafa comigo, mas vejo que já não está a sentir prazer a nadar. Ela está aérea. Desaparece depois dos treinos com frequência. No início do verão, começa a usar maquilhagem. Suspeito que ande a sair com rapazes. O pai anda furioso, mas a Sara não quer saber. A vida familiar deteriora-se a ponto de incluir guerras organizadas e confrontos.

“Olha para a tua irmã mais nova”, grita o pai. “Porque é que não podes ser mais como ela?”

Nunca resulta. Quanto mais ele grita com ela, mais disparates ela faz. Grita-lhe de volta, diz asneiras na cara dele. No entanto, comigo funciona. Ao ver a fúria que a Sara provoca, não vou fazer asneiras de maneira nenhuma. Não dou razões ao pai para ficar zangado comigo. Mantenho a minha cabeça baixa, esforço-me muito na piscina, empenho-me pelas medalhas. Trabalho arduamente na escola para ter as melhores notas. Sou tão competitiva que, se outro miúdo da turma tiver notas melhores que as minhas, a psoríase no meu pescoço fica vermelha e começa a fazer comichão. A Sara esmurra-me e chama-me croma.

Nesse verão eu e a Sara visitamos Lataquia, uma cidade na costa noroeste da Síria, para uma competição. Lataquia é o destino de férias na Síria. As pessoas vão para lá para passear à beira-mar, sentarem-se nos

restaurantes ou andar na montanha-russa da feira popular. Eu e a Sara estamos lá pelo mar. A competição é em mar aberto, uma distância de cinco quilómetros desde uma ilha até à praia.

De pé na areia, o mar está calmo e brilhante por causa dos raios do Sol. Nós partimos, somos cinquenta. A competição é feroz, todos a tentar nadar em linha reta de volta à praia. Quando estamos em mar aberto sinto-me meio desconfortável. Nadar no mar é diferente de nadar na piscina. A água é tão misteriosa e profunda. Não há beiras, nenhuma forma de descansar. Tenho medo de me perder e tenho de nadar com a cabeça acima da água para poder ver as boias e barcos que estão a demarcar o percurso. Sinto-me aliviada quando atingimos a praia uma hora depois.

Pouco depois do longo percurso no mar, os ombros da Sara pioram. Ela nem consegue fazer uma movimentação de mariposa. Os médicos encaminham-na a um fisioterapeuta para fazer massagens intensivas. Ela para de nadar durante outro mês. No início do ano seguinte está de volta à piscina, mas não ao mesmo nível de antigamente. A Sara não fala muito comigo, ainda que partilhemos um quarto. Eu preocupo-me com ela, mas em casa, com as guerras, isolamo-nos no nosso próprio mundo. Se estivermos miseráveis, estamos miseráveis sozinhas. As nossas vidas estão completamente separadas. Nadamos a horas distintas, aprendemos em separado e temos amigos diferentes.

As tentativas do pai para mudar o comportamento da Sara são em vão. Ela não leva a escola a sério, está a baixar as notas, os professores consideram-na uma miúda problemática. Ela escapa e sai depois dos treinos, joga basquetebol, ou passa o tempo na casa dos amigos. Grande parte dos melhores amigos dela são rapazes. Os confrontos em casa pioram. À mínima coisa que o pai faça a Sara explode. Estamos a jantar e ele comenta que ela está mais gorda. Ou começa a falar das notas dela. Ou de como ela teve um mau desempenho no treino. Frequentemente, a Sara arrasta a cadeira no chão, levanta-se e retira-se tempestuosamente.

“Ah, portanto, agora não vais comer?”, grita-lhe o pai.

“Perdi a vontade”, protesta ela por cima do ombro.

Eu estremeço quando ela bate com a porta do nosso quarto. Baixo o meu olhar e misturo a comida no meu prato com o garfo. Obedece e fica bem. Eu sei que o pai fica feliz se eu for a melhor nadadora. E estou a ficar boa. A minha mariposa é veloz e forte. Nesse outono, com doze anos, qualifico-me para a equipa nacional síria. Os treinadores dizem que estou preparada para as minhas primeiras competições internacionais na Jordânia

e no Egito. É um grande passo. Agora sou nadadora de competição, nado pela Síria, mais um degrau ultrapassado na minha subida rumo ao sonho de alcançar os Jogos Olímpicos. Enquanto a Sara se revolta e esmorece, eu sou a nadadora premiada do pai.